

A PONTE DA DESILUSÃO



Nos últimos dias da 2ª Guerra Mundial, um grupo de rapazes alemães é convocado para o serviço militar. No entanto, antes de concluir o treinamento, sua unidade é obrigada a entrar em combate, mas o comandante, consciente de que os jovens ainda não estão preparados para entrar em ação, ordena que eles apenas defendam uma ponte sem importância, na retaguarda, em sua cidade natal.

Fascinante obra alemã ocidental do imediato pós-guerra, “A Ponte da Desilusão” é uma metáfora da situação alemã nos últimos dias da guerra. Enquanto todos os personagens mais velhos estão conscientes da inutilidade de qualquer esforço e anseiam apenas pela paz e pela vida, os sete protagonistas, movidos pelo slogan “Pelo povo, pelo Führer, pela Pátria”, desejam apenas demonstrar sua coragem.

Todo o elenco funciona muito bem, a estória se desenvolve com fluidez e coerência, roteiro e edição nota dez. E o equipamento alemão está perfeito, o que não chega a ser nenhum grande mérito. A cena em que caminhões cheios de soldados feridos e desmoralizados passam pela ponte é bastante interessante, bem como as cenas com Panzerfausts. Também foi muito interessante mostrar o uso de prisioneiros de guerra como mão de obra e a arrogância do alemãozinho com eles.

Um contraste bastante presente no filme (e notável em se tratando de um filme da década de 1950) é a liberalidade sexual entre os mais velhos, enquanto os jovens protagonistas, concentrados apenas no desejo de servir à Pátria, veem o assunto com ingenuidade e até repugnância.

Agora vamos às mancadas. Os garotos estão há apenas um dia no Exército, dia este consumido marchando e limpando fuzis, e, na hora do “vamo vê”, eles sabem operar uma metralhadora pesada e Panzerfausts, são capazes de estabelecer planos de fogos e ainda destroem dois tanques inimigos. Do lado de lá, os americanos são tão incompetentes que não conseguem destruir uma trincheirinha mixuruca, mesmo tendo vários “tanques” e um pelotão de infantaria. Por essa época, inclusive, os americanos já estavam caledados de enfrentar os fedelhos da Juventude Hitlerista e costumavam mandar bala à vera e não gritar “voltem para o jardim de infância!” Além disso, as cenas de morte são por demais exageradas, parecendo mais adequadas ao cinema

mudo. E, para encerrar, o distribuidor nacional traduziu “Panzerfaust” como “bazuca”. Resumindo, “A Ponte da Desilusão” é uma obra interessante, palatável e eu diria até instrutiva. Pode incluí-la na sua coleção sem susto.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: "Die Brücke".

Elenco: Folker Bohnet, Fritz Wepper, Michael Hinz, Frank Glaubrecht, Karl Michael Balzer, Volker Lechtenbrink e Günther Hoffmann.

Diretor: Bernhard Wicki.

Ano: 1959.

Premiação:

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- O filme foi rodado em Cham, na Bavária, Alemanha.
- A ponte real chamava-se “Ponte Florian Geyer”. Ela foi demolida em 1994 e substituída por uma mais moderna. Hoje existem várias placas no local com cenas do filme.
- Embora possa parecer que a localidade retratada no filme seja anacrônica, não é bem esse o caso. Cidades muito pequenas, numa região predominantemente rural, fora de eixos ferroviários e rodoviários importantes, supostamente no interior da Alemanha, poderiam ter passado pela guerra sem sofrer bombardeios e, como o avanço americano nesse período da guerra foi vertiginoso (e, portanto, ninguém sabia onde eles realmente estavam), não é de se espantar que ninguém na cidade estivesse se preocupando com isso.

FUROS:

- Os “Shermans” que aparecem no filme não passam de modelos (mock-ups) de madeira montados sobre chassis de caminhões e de tratores agrícolas. É perceptível o fato de que os tanques parecem muito largos (parecem “Shermans achatados”) e, em alguns casos, podem-se ver as rodas do caminhão por baixo do “tanque”.
- Quando uma granada explode na ponte, Sigi (Günther Hoffmann) se assusta e se mexe nitidamente. O problema é que ele já estava morto.
- Na cena do Quartel-General alemão, aparece um grande mapa na parede onde são claramente visíveis os números 327 e 336 e, logo depois, os soldados são informados de que agora faziam parte da 336ª Divisão. Acontece que nem a 327ª nem a 336ª existiam mais em abril de 1945, sendo ambas destruídas no front russo em 1943 e 1944, respectivamente.